

Günter Parschalk

Input e percepção visual

Por Cláudia Cavallo

PERCEPÇÃO VISUAL. ESTA É A MARCA REGISTRADA DE GÜNTER PARSCHALK, que pode ser chamado de *lighting designer*, designer, arquiteto ou artista plástico. Para ele, a luz pode ser percebida até de olhos fechados. Aliás, foi de tanto olhar para o sol, ainda garoto, tentando “ficar cego” para não ir à escola, que ele mergulhou no mundo das cores, por exemplo. Há muito de filosofia e poesia na forma de Günter ver a vida e, conseqüentemente, nos traços do que projeta. Curioso, inconformado com argumentos pouco convincentes, afinado a idéias não-convencionais e extremamente criativo, ele é um dos nomes mais reconhecidos no segmento de iluminação no Brasil. “Tem gente que olha e não vê”, ele diz, por isso mais do que focado na luz em si, ele está atento a o quê e o quanto se percebe o que a luz tem para mostrar e transformar.



Foto: Arquivo LA

Lume Arquitetura: Como e quando nasceu o Günter como *lighting designer*? Sua origem é no *design*, não?

Günter Parschalk: Minha origem é nas artes plásticas. Me formei em Arquitetura por causa das “pressões” familiares e sociais com relação a essa coisa de ter um diploma e porque era o curso que melhor misturava Arte com Engenharia.

Lume Arquitetura: Se sua vela era artística, por que Engenharia foi o outro elemento da escolha?

Günter: Porque sempre desenhei muito, aprendi facilmente a linguagem dos projetos, a lógica dos cortes, visão tridimensional. Ainda na minha primeira infância, meu pai estava construindo uma fábrica e todo fim de semana eu o

Restaurante do Centro Cultural Itaú:
arandelas removíveis para a cobertura
curva em fibra de vidro.

acompanhava à obra. Era muito curioso e ficava perguntando sobre tudo. Queria entender a relação entre o que estava desenhado no papel e as paredes que iam sendo erguidas. Numa certa idade, meu *lance* era carro. Aos nove anos, eu os “projetava”, com vista lateral, frontal, corte e tudo. Eu tinha mania, também, de desmontar coisas, para ver como eram por dentro.

Lume Arquitetura: E como essa mistura, Arte, Engenharia e Arquitetura resultou em iluminação?

Guinter: Casualmente. Embora não gostasse muito de escola, sempre li muito pela minha curiosidade. Eu buscava referências como Josef Albers, Paul Kler, Kandinsky, Malevich, Rudolf Amheim, Bruno Munari, entre outros. Enquanto fazia Arquitetura, trabalhava com artes gráficas, porque era uma área onde se podia aplicar o conhecimento de *design* mais facilmente no Brasil. Daí, fui parar em *design* de produto. Projetei equipamentos médicos e esportivos dentro e fora do Brasil. Num determinado momento, eu era Designer Executivo da Securit (empresa de móveis para escritórios, cozinhas e armazenagem industrial) e desenvolvi uma linha de mobiliário para diretoria. A linha, bem como produtos de outras empresas, foi desclassificada pelo júri de um concurso da Movesp (Associação dos Fabricantes de Móveis do Estado de São Paulo), por “falta de originalidade”, na categoria Escritórios. Fiquei inconformado, porque estudava Organizações e Métodos, Teorias Administrativas e toda minha criação era baseada nisso, era um resultado prático de uma filosofia de trabalho. Questionei, então, o que significava originalidade em escritórios para aquele



Fotos: G.P.

“Arte é algo que faz o observador pensar, refletir, raciocinar, sentir e, a partir daí, mudar ou complementar um determinado ponto de vista.

A arte acrescenta, transforma.”

júri. A discussão deu um “forrobodó” danado, o concurso foi revisto, meu produto foi então classificado, assim como alguns outros.

Essa história de originalidade me deixou inquieto. Eu colecionava objetos indígenas, peças de folclore e cultura minoritária e concluí que o índio era o único a quem caberia a referência de identidade cultural genuinamente brasileira. Por questão de provocação, resolvi fazer uma exposição que unisse tecnologia e originalidade brasileira de alguma forma e, assim, cheguei ao tema “Luz” – uma tecnologia ocidental, moderna e não existe na cultura indígena nada que se associe a esta palavra. Minha

exposição chamou-se “Umecendi”, que significa Luz Espiritual, em Tupi Guarani. Apresentei 31 luminárias e foi um sucesso. Pessoas importantes compraram minhas peças.

A princípio não tinha a menor pretensão de tornar a criação de luminárias um hábito ou de entrar no mercado de iluminação, mas, aí, surgiu o então Presidente da República Fernando Collor, maior catalisador desta mudança de planos. A economia virou de cabeça para baixo e vender produtos era menos difícil que prestar serviços em design. Das luminárias para os primeiros projetos de iluminação não demorou muito e foi uma consequência natural.

Lume Arquitetura: O que você define como sendo “Percepção Visual”? Varia de um indivíduo para outro? Depende mais de quem vê ou de quem ilumina?

Guinter: A essência da vida está na percepção. Tem gente que olha e não vê. Quando fecho os olhos vejo mais que de olhos abertos.

A mídia, o meio pelo qual se transmite uma informação, não é o ponto principal onde deveria estar focada a atenção do espectador ou

observador, porque o que caracteriza a arte é a informação nela contida – o que chamo de *input*. Um risco qualquer num quadro não é arte só porque está numa tela. Arte é algo que faz o observador pensar, refletir, raciocinar, sentir e, a partir daí, mudar ou complementar um determinado ponto de vista. A arte acrescenta, transforma. Por isso, está no grau de informação que se transmite e não no meio que se usa para transmiti-la. A arte pode ser expressa por qualquer meio, qualquer mídia, mas nem tudo que se apresenta numa mídia, num meio tido como arte, é arte.

Lume Arquitetura: Depende de perfil sócio-cultural?

Guinter: Totalmente. O que faz sentido num lugar ou para um determinado

Hotel Unique:
Variedade de recursos
em iluminação para atender
à arquitetura ousada de Ruy Ohtake.



Foto: G/P



grupo de pessoas pode não ter nenhum significado para outro. Lidamos com a percepção na esfera biológica e psicológica e, nesta segunda, há o que diz respeito ao conhecimento científico e o que está ligado à propriedade sensorial.

Por sermos seres humanos, termos cones e bastonetes, a princípio vamos todos enxergar o azul ou o amarelo. Mas a condição de identificar a diferença entre tons varia de um grupo para outro ou de um indivíduo para outro. Há culturas aborígenes, por exemplo, que não conseguem distinguir a mesma variedade de cores que nós, porque determinados matizes não fazem parte de seu repertório visual.

A luz é o suporte para a percepção visual, para a percepção do que se vê, a captação da informação visual, do *input*. Por isso, a percepção visual é onde reside minha principal atenção. A luz é só o meio.

Lume Arquitetura: Há modismos em iluminação ou o que se usa hoje é apenas questão de consequência do desenvolvimento tecnológico?

Guinter: Sem dúvidas que há modismos e eles acontecem justamente porque muita gente está mais focada na mídia que no *input*, preocupada mais com a luz do que com a informação a ser transmitida e captada.

O iluminador faz as pessoas verem as coisas de um tal jeito. Ele escolhe o que ressaltar ou o que deixar à sombra... Ele edita, de certa forma, a leitura visual de um espaço. Sem dúvida, sofre influências de formas, referências estéticas, como também da indústria.

Centro Cultural Itaú:
ambiente rico em cores,
arquitetura e *design*
representou um desafio
em iluminação.

Ano passado, por exemplo, voltei da feira de Frankfurt empapuçado de cor. Era o uso da cor pela cor, sem propósito, sem razão de ser. Só porque o coletivo está gostando, porque usar faz você achar que é *in* ou porque está fácil de vender, parte-se para o uso ou consumo indiscriminado de um determinado recurso. Acho isso muito ruim.

*“Arte é algo que faz
o observador pensar,
refletir, raciocinar,
sentir e, a partir daí,
mudar ou complementar
um determinado ponto de vista.
A arte acrescenta,
transforma.”*

Uso o recurso de cor ou mudança de cor em muitos dos meus projetos, mas com intenção. O desenvolvimento tecnológico é fundamental para nossa evolução, mas é preciso aprender a lidar com informações novas, senão, acabamos usando telha de amianto no Nordeste. Muitas vezes, só porque é algo que vem de fora, todo mundo sai consumindo, sem nem saber o porquê ou para quê.

Sou contrário ao conceito de modismo, porque me remete à imagem de bando, carneiros, fazer ou usar coisas sem intenção, sem avaliar o que vai trazer de positivo ou negativo.

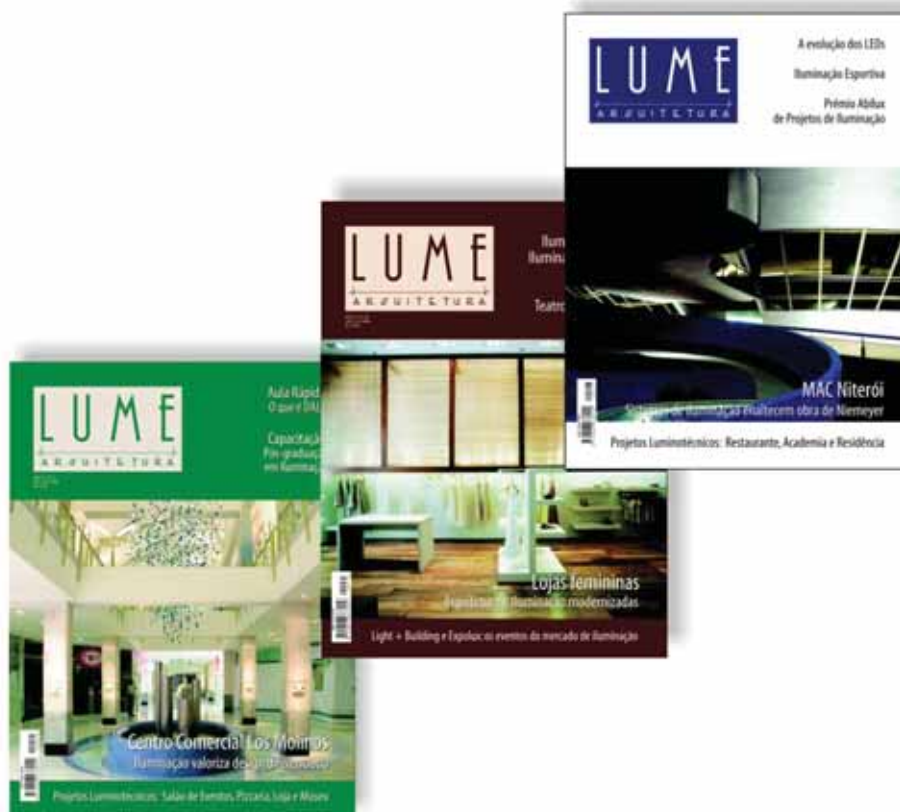
Lume Arquitetura: Qual é a sua opinião sobre o uso de iluminação natural no Brasil? Há conhecimento e tecnologia o bastante para isso aqui?

Guinter: Gostaria de usar muito mais e torço para que isso aconteça, mas ainda estamos bem distantes, tecnolo-

Anuncie

Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitetura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitetura.com.br

LUME
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

Loja Flor no Shopping Iguatemi, em São Paulo: a linha de luz colorida que corre por cima da pérgula, é obtida através de fluorescente com filtros de cor.

gicamente, do conhecimento e dos recursos necessários, até por questão de compreensão cultural.

Grande parte dos arquitetos que usam iluminação natural não está preocupada com a iluminação em si, mas com algum tipo de efeito na arquitetura que, futuramente, compro-



Foto: G/R

*“O iluminador
faz as pessoas verem
as coisas de um tal jeito.
Ele escolhe o que ressaltar
ou o que deixar à sombra...
Ele edita, de certa forma,
a leitura visual
de um espaço.”*

mete algo fundamental, que é o conforto ambiental. Vemos coberturas feitas de vidro só pela questão plástica, porque a fotografia na revista fica bonita, mas fotografia não revela a estufa em que o ambiente se transforma. A imagem é linda mesmo, estamos num país tropical, céu azul, sol... A excelência visual é máxima, mas o conforto ambiental inexistente.

Há dois critérios fundamentais a serem considerados no uso de iluminação natural: um é o aproveitamento dessa luz como iluminação e o outro é a relação entre o ambiente interno e a paisagem. É importante

situar o indivíduo no tempo e espaço. Escritórios nos Estados Unidos e Europa já começam a ter um sistema de iluminação que muda de tonalidade e intensidade ao longo do dia, porque esta alteração tira as pessoas da mesmice, da fadiga. É muito positivo que se permita o contato visual de quem está num ambiente interno com o exterior. No entanto, no que diz respeito à luminotécnica, o resultado do aproveitamento da luz natural deve ser uma equação de quanta luz é ideal para o exercício de determinada atividade num ambiente. Excesso de luz é tão prejudicial quanto sua ausência. Portanto, se vou fazer um átrio, um lobby de shopping ou hotel, preciso dimensionar qual é a luz mediana natural para depois fazer o cálculo de redução. Quanto dessa luz será preciso filtrar? Há locais no Brasil onde se chega a 100 mil lux! Imagine se deixarmos passar tudo isso! Dá para criar samambaia, fungos, qualquer coisa no ambiente, mas em termos de conforto ambiental é um desastre!

Lume Arquitetura: Você está envolvido com um curso de Pós-graduação

em Design de Luminárias que está sendo oferecido, em São Paulo, pela Faculdade Oswaldo Cruz e a Abilux – Associação Brasileira da Indústria da Iluminação. O que os jovens designers precisam saber para que possam contribuir de forma positiva para o mercado e o que o mercado, em si, necessita para diminuir a defasagem qualitativa que ainda há em relação à indústria internacional?

Guinter: Primeiramente, é necessário que se faça uma distinção entre o que é luminária decorativa e o que é luminária técnica. Cada uma tem sua função e um equipamento bem projetado é fundamental para que nós, *lighting designers*, possamos trabalhar bem.

Quanto ao mercado, o que precisamos é mudar a cultura comercial do “salve-se quem puder”, da concorrência predatória, do “vender gato por lebre” e acabar mais famoso do que quem cria a lebre.

Lume Arquitetura: Qual foi seu melhor projeto até hoje?

Guinter: O Nick, meu filho, porque a Cristina deu à luz. ◀